



“DOS DEVERES DOS MEDICOS”

CONFERENCIA FEITA NO “CENTRO ACADEMICO OSWALDO CRUZ”
PELO PROF. DR. RUBIÃO MEIRA, AOS 26 DE ABRIL DE 1920

“A mocidade pede-me mais uma vez, eu venha, no dia commemorativo de hoje, occupar esta tribuna, que é de todas aquella em que me sinto melhor, porque é erguida pela sympathia da juventude que me cerca, em nome dos sãos principios que regem a vida academica. E, não me neguei ainda, porque não sei recusar a quem pede como quem manda — gentileza em acção, bondade acariciadora, nobreza de animo em actividade, generosidade explosiva e espontanea, nascidas n'alma e dominadoras do espirito, — sentimentos todos esses que vivem no coração dos moços e os tornam, por essa razão, sempre estremecidos, sempre queridos, devotados que são a causas de grandeza irreprehensivel, batalhadores incançaveis dos ideaes augustos. Esse que me traz até aqui, senhores, é um delles. Chamastes a quem não devieis chamar, mas não fugi ao vosso appello e aqui estou, cercado dessa geração nova, que é a depositaria de nossas esperanças na magestade do porvir da medicina brasileira, toda desejosa, quero crêr, de me ouvir na explanação do thema para que convidado, e a que vou dar a demão necessaria, para que ella sinta o meu entusiasmo pelas cousas que lhe pertencem, por que a mim não mais me fazem móssa, não entram mais nos calculos de minha peregrinação pela terra. Tivestes o intuito de conseguir uma serie de conferencias sobre medicina profissional, ethica e jurisprudencia medica e quizestes ser generosos obrigando-me, com a gentileza de convite, a que se não póde negar, a iniciar essas confabulações.

Vê-se nesse desejo o elevado interesse que vos domina — o de conhecer os textos de medicina, que se não professam nas cathedras da Faculdade, mas que fazem parte integrante da profissão que adoptastes. Quereis conhecer os vossos deveres e os vossos direitos, examinar questões que preoccupam o vosso entendimento, como as que se referem á liberdade profissional — objecto debatido onde inda se não quietou a poeira da con-

troversia, ao charlatanismo — essa praga que nos tortura e nos vilependia tantas vezes no trafego profissional — ao segredo medico, com todas as minucias, que, em cada caso, nos deixam perplexos na maneira de proceder; aos honorarios de nossos serviços, quasi sempre menoscabados pelos que deviam respeitar, no clinico, o sacerdote devotado que a todo minuto joga a sua vida; ás responsabilidades, que tomamos sobre os hombros, em momentos em que somos tambem revestidos da toga da magistratura; e a tantos outros assumptos, que serão, em época opportuna, tratados por vozes mais competentes, mas em que, estou certo, não vibrará a mesma sinceridade com que vos fallo neste instante.

Tambem diante de vós não se pode, senhores meus, ter outra linguagem sinão a que brota espontanea dos labios, aquella originada não nas convulsões das cellulas cerebraes mas das pulsações do coração. Fallar á mocidade é fallar a voz da franqueza, e eu sinto-me feliz quando posso neste Centro fazer bater meu peito de encontro aó vosso, explanando assumptos, como esse de que me vou occupar, em que a verdade tem de sobrenadar sobre todas as cousas. Esse é o dom que vós exigis mais que qualquer outro, porque quem diz moço diz nobreza, diz lealdade, diz grandeza de espirito — qualidades moraes que formam sua alma. Eis porque preferi a parte mais aspera dessas conferencias, para entreter-me comvosco, procurando rasgar os véos da illusão que mora em vosso animo e dar-vos a conhecer os elementos de que tendes de servir para triumphar na vida clinica, que é o anheilo mais ardente que vive em vosso coração, palpitante de esperança, por esse dia tão proximo, em que tendes de sahir desta casa para o tumulto do mundo. E, sahireis daqui como todos, certos de que vos sentis animados de grande coragem para supportar a vida profissional, embalados nos sonhos de grandezas impereciveis, idealizando conquistas majestosas, cheios de fé no futuro... Este é sempre o ideal sonhado por quem se senta nos bancos das Academias — e que se dissolve logo após, como uma bolha de sabão, se desfaz como uma chimera sem base, se evola como um sonho ao acordar tremendo das lutas e dos embates que a existencia prodigaliza aos entes humanos. Eu tambem assim fui, tambem assim pensei, tambem muito me illudi e cedo cahi na realidade bruta da desillusão. Quando passei os humbraes da Faculdade de Medicina e vi o meu primeiro doente — pobre velha que vinha curtindo padecimentos antigos, sem esperanças n'alma de prolongar a vida, sem fé nos conselhos dos medicos, vetusto arcabouço que se ia fanando aos poucos — acreditei que poderia salvar-a, com o fulgor de minha sciencia, que julgava portentosa, cheio de esperança nos ensinamentos dos mestres, e entrei desde

logo a levantar o moral dessa desditosa mulher, que se não illudia sobre seu triste fim, emquanto eu — piedoso ignorante — desconhecia que o meu saber era pequeno para fazer renascer uma vida que se ia fechando hora a hora... Não teve porém longa duração o meu ledo engano, porque antes mesmo de usar meus remedios já trespassava a desventurada, que morreu na illusão de que eu poderia tiral-a — eu tão jovem ainda — da voragem da morte, em que se ia afundando lentamente. Morreu, porém, senhores, illudida, finou-se coberta de esperanças, no momento preciso em que, no occaso, o sol escondia seus raios de luz, e patenteava que as grandezas da terra nada valem diante das leis phisicas immutaveis... Foi o primeiro golpe que soffri na minha vaidade de moço; eu que acreditava na potencia de meus conhecimentos, que me julgava capaz de galvanizar um cadaver e illuminar o cerebro de um demente, tive de reconhecer, desde logo, a inanidade da força do homem diante da fatalidade do destino, o vasio do poder da sciencia diante da destruição da materia, arrebanhada entre as fauces da parca maldita. Foi o primeiro golpe, mas tambem foi a primeira licção. Golpe fundo na minha pretensão que a ignorancia enroupava, mas licção poderosa tambem para meu espirito, porque desde então apprendi a necessidade de illudir, com a lampada da fé, o animo do doente, que chama o medico para alliviar seus males, consolar suas afflições, retirar seus soffrimentos. E esse é, senhores, o primeiro dos deveres profissionaes. Essa é a grande alavanca que o torna respeitado, o luminoso circulo que circumda de aureola refulgente de sacerdote, a sua fronte de martyr. Essa é a maior de todas as suas obrigações, o dever imperioso a que se deve render com o sacrificio muitas vezes da verdade, mas com o intuito grandioso de levantar o moral abatido, dos que confiantes se lhe chegam nas horas de tribulação. Aprendei, desde já, que entre os seus deveres de clinico aquelle que sobrepuja aos demais não é o de tratar do phisico, quando não podeis fazel-o com vantagem, nos casos em que a medicina deixa cahir por terra, por imprestaveis, as suas armas, mas sim o de cuidar do espirito do individuo, afugentando-lhe o espectro doloroso do fim implacavel que o espera. Esse é o maior de seus deveres. Senhores, porque ahi então a sua profissão confunde-se com a do sacerdote encarregado da salvação das almas, vós sereis tambem, nesses momentos, sacerdote, com os mesmos direitos que os que vestem as roupagens dos missionarios da religião catholica; vós tendes, então, a religião da Caridade em mãos, mas da caridade elevada e divina que se não confunde com essa outra que faz dar a esmola pela mão direita e obriga a esquerda a publicar, com estardalhaço, o feito. E' a assistencia moral o maior dos deveres que competem ao

clinico, soccorrer o individuo, com a unção de sua palavra evangelica, consolar seu espirito, retirando-lhe a duvida do termo final, que se approxima, levando-lhe aos labios o calix da esperanza, erguendo-lhe a fé, com a meiguice de seu verbo inflammado. E' necessidade imperiosa de seu dever assim praticar, porque esta obrigação entra nos mandamentos de seu officio, faz parte integrante dos fins de seu sacerdocio. Missionario do bem, patentea então qualidades raras que o destacam entre os homens na luta incessante travada pelos homens sobre a terra. Assume nessas occasiões papel de grandeza moral rara, sobresahindo sua figura como o de um enviado do Todo Poderoso, aureolado do fulgor sagrado, diante do qual se devem curvar os que tocados da miseria da doença, não podem encontrar mais na sciencia a salvação da vida physica, mas encontram a da vida do espirito.

Esse é o dever mais imponente que compete ao clinico. Além desse não preciso insistir no que vos cabe como medico que tem de cuidar da saude do cliente. Esta assistencia é obrigatoria. Deveis sobrepor a todos os vossos interesses pessoaes os interesses de vossa profissão. Razão é essa por que o medico raramente cuida de outros objectos durante a existencia. O tempo lhe não chega para distrair sua attenção dos interesses profissionaes. Diante do clinico todos os que o procuram são iguaes — não ha distincção de classe nem de fortuna; com a mesma doçura de palavras, a mesma brandura de meios tem de soccorrer um abastado que o procura e um miseravel que o chama, a virtuosa mulher que o solicita como a mulher perdida que pede seu soccorro. Todos são iguaes. E talvez seria, senhores, mais nobre ainda que o medico redobrasse de carinho para os desprotegidos da sorte, por que assim, nesse ministerio, mais se elevaria e mais se engrandeceria. A igualdade dos entes, senhores, não esta só na mansão terrestre, não é só na morada das catacumbas que desaparece a vaidade, que se afunda o orgulho diante do nada que somos; não é só na cidade dos marmores que se mesclam os que pensavam ser grandes e os que foram pequenos, não. Aqui, a prova é palpavel por ser immensa, chama a attenção, grita por todos os lados. Diante da mesma terra que vai guardar o corpo de um rico como o de um pobre, para dar-lhe a transformação da materia, cessa e desaparece essa força de imaginação que cria a desigualdade de fortuna, a desigualdade de caracteres, a desigualdade de virtudes. Todos se confundem, todos se assemelham, todos são iguaes. Mas, diante do medico, na hora da molestia, no momento em que as dores aprisionam o individuo, no instante em que a afflicção e o desespero levantam o peito em haustos de tortura, tambem todos lhe são um — o padecente que

se soccorre de seu saber para retirar-lhe as agruras do soffrimento. Pouco lhe deve importar se tem ou não recursos para satisfazer seus honorarios, pouco lhe deve pesar se é um bom individuo ou se é um criminoso — o que é preciso que elle saiba é que é um ser que padece, que soffre e a quem tem de prodigalizar os recursos de sua sciencia, para alliviar-lhe os tormentos. Essa é que tem de ser a hermeneutica da medicina, fóra dahi é calcar aos pés os ensinamentos sagrados da arte de Hippocrates, que desconhece os individuos para reconhecer tão somente o individuo doente. Deveis soccorrel-o em todos os transes, buscar restaurar sua saude, afugentar o terror dos padecimentos physicos, eliminar a dor, assumindo o feitiço de missionario do bem, que de vistas vedadas o pratica sem olhar a quem o faz. Molestias ha, vós o sabeis, que repugnam não tanto, á visão como ao tacto — e no emtanto, vós não tendes que vos recusar a tocar com vossas mãos essas miserias de materia. Um leproso que vos chama e a que tendes de acudir, que expõe as chagas que corroem seu corpo, donde escorre a sanie fetida que nausea o vosso olfacto, não vos deve inspirar senão misericordia, e tendes de lhe prodigalizar o pão do piedoso. Diante do medico miseria moral e miseria physica se equivalem. São termos de uma mesma equação. Tendes que soccorrer em um e em outro caso com a mesma blandicia e o mesmo carinho. Não vos são permittidos o asco nem o nojo; e sem o pejo nem repugnancia tendes de tocar nas ulceras da materia, como nas chagas do espirito. Esse é o vosso dever, essa é a vossa obrigação. Não lhe podeis fugir sem faltar ao vosso compromisso sagrado que tomaes sobre hombros, como o soldado que vai derramar seu sangue, em amor a sua bandeira, batendo-se por uma causa que muitas vezes horroriza o seu entendimento.

Mas elle, como o medico, jura sobre o pendão de sua patria a servil-a, como o clinico affirma seguir os tramites de seu sacerdocio, sem julgar o caminho a vencer. A trilha é sempre uma só — procurar afastar a molestia, alliviar a crueldade dos soffrimentos ou sejam de ordem physica ou sejam de natureza psychica. Razão é essa porque nem todos têm a coragem precisa para vencer nessa cruzada do bem e muitos arrepiam carreira antes de iniciar a campanha. E' preciso forrar o espirito de grandeza de alma bastante resistente e ter comprehensão exacta de seu dever para resistir na luta que se trava dentro do tirocinio de sua profissão. Pouco deve importar ao medico o que d'elle pensa o cliente. Que tenha a sua consciencia em santa paz e tranquillidade que isto lhe basta como recompensa do que gasta em energia, do que despende em força.

Não deveis sepear a gratidão dos individuos — essa raro existe, mas tambem não vos deveis armar do preconceito que forra o animo de muito medico — que do cliente só quer o dinheiro. Não, meus amigos, essa é a noção erronea, de que não deveis partilhar. Do cliente nada nos cabe querer. E' natural que deveis ser recompensados em vosso trabalho, porque gastaes tempo e disso tendes que viver; mas a verdadeira remuneração está no repouso de vosso espirito, no remanso de vossa alma, na quietude de vosso animo, no cumprimento exacto de vosso dever. E isso está no interesse de acudir o vosso doente, sem olhar suas posses, sem procurar verificar se capaz ou não de retribuir muito ou pouco, dando-lhe o conforto de vosso saber, os conselhos de vossa experiencia, antes de enxergar o lucro e o valor da propina que vos será prodigalizada. Essa é que deve ser a lição que guardareis sempre, por que de todos os bens que o homem procura adquirir sobre a terra o unico que lhe dará a certeza de sua força e do exercicio de sua função é o repouso na ultima hora, no instante em que a alma se desata do corpo para voar á região creadora. Nunca deve o medico esquecer-se de que é operario de uma fabrica, cuja origem se encontra nos estabelecimentos religiosos, nos mosteiros e nos claustros, nos conventos e nas abbadias. Mesmo o abbade Tignau dizia que a sciencia da medicina é um poder que emana de Deus, tão bem como o dom do milagre; que ella é uma arte toda divina e toda miraculosa, que não é nada sinão aos que são dignos de pratical-a. E' impossivel ser habil medico, accrescenta, sem ser bom Theologo. Sabeis que Jesus curava os doentes e quando pregava a seus discipulos amados VADE ET TU FAC SIMILITER queria dizer que lhes conferia a divina sagrada de espalhar os beneficios que Elle prodigalizava, praticar os milagres que Elle obrava em sua divindade. Não quer isto dizer que o clinico deve agora operar as curas milagrosas, impossivel nesta éra do materialismo mais absoluto. Mas, ainda assim tendes de seguir os mandamentos exarados nas taboas dos pais da medicina que não se deixavam prender pelo interesse monetario e condemnavam os que recebiam em paga de serviços os honorarios devidos. Elles eram excessivos em seus designios porquanto não admittiam que se recebesse o minimo obulo pelo bem que praticavam. Chamavam-se ANARGYROS, o que quer dizer “sem dinheiro” e seguiam á risca o preceito do Senhor: RECEBESTES GRATUITAMENTE, o que poderá ser considerado digno para aquella epoca, mas não pode ter cabimento na actual, mesmo porque os conhecimentos que adquiris, vós os não conseguistes de modo gratis e sim com elevados gastos e grandes dispendios quasi sempre.

O zelo e o excesso iam ao ponto de serem considerados criminosos os medicos que recebiam esportulas pelos seus trabalhos. Conta a lenda — onde se bebe a licção dos factos que nos ensina a conducta na vida — que Côme recebeu um dia, de uma doente que havia salvo de doença perigosa, a dadiua de dois ovos, falta tão abominavel que seu irmão, medico tambem, de nome Damião, tão horrorizado ficou, que pediu lhes dessem, aos dous, como castigo, uma sepultura commum.

Mas, Côme, retrucou-lhe, em defesa, que não havia acceito o presente como salario, mas porque fôra invocado o nome do Senhor e não quiz ter o ar de desdenhar!

Vêde o escrupulo dos que professavam no templo de Hypocrates e o exagero a que levavam em sua fé, cheios de sinceridade e crentes de que a medicina não era mais do que uma emanção da vontade celeste no exercicio do sacerdocio. Entre os deveres que pertencem ao clinico — e dever forte que o torna aureolado do fulgor de super-homem — assiste-lhe o de não olhar para divergencias pessoas, para inimizades creadas, nem mesmo no trafego profissional. Elle exerce, nesse momento, posição de destaque excepcional quando corre a praticar o seu nobre ministerio em pessoa com quem está de relações cortadas.

Para o verdadeiro medico não ha inimigos — ha doentes, ha individuos que soffrem e que se soccorrem de seus trabalhos. São condemnaveis aquelles que se deixam dominar no serviço de sua profissão pelos interesses pessoas, pelas paixões individuaes, os que não enxergam nos soffredores um ente que padece e que clama pela sciencia para consolo de suas affições. Com que pureza d'alma, com que grandeza de coração, com que magnificencia de espirito não entra o medico em casa de seu adversario para valer-lhe nessa hora de desventura! Pouco importa que de volta do cumprimento de seu dever elle recuse estender-lhe a mão que despejou os beneficios, porque elles tem a consciencia limpa da execução rigorosa de seu papel soberano na communhão social. Pratica, então, verdadeira obra de caridade, porque vai, de olhos vedados, para o bem, não enxerga a quem distribue o consolo da sciencia e fica grande deante de si mesmo ao examinar suas acções, na hora derradeira da vida quando tiver de cahir sob a sentença do julgamento final.

Para o medico todos são iguaes e só assim considerando é que elle assume na existencia a posição invejavel em que o collocam sua sciencia, seu trabalho, suas aptidões, seus esforços em prol da humanidade. Nem de outro modo elle pode esmagar — sob o peso de sua snperioridade — os que desconhecem a sua elevação moral, a magestade de sua figura. Mesmo aquelles

que o atacam, inda mesmo aos que pelas costas anavalham sua reputação, aos que o levam tantas vezes pela rua da difamação, pelas tortuosidades da amargura, a esses mesmos, quando tocados pela desdita da molestia e obrigados pela fatalidade da sorte a socorrer-se do que vilependiara antes, o clinico tem o dever de assistir na doença, de cuidar com o carinho evangelico, lembrando-se de que elles devem ser perdoados, por que não sabem o que fazem, ignoram o mal que praticam, desconhecem a noção do bem terrestre.

Eu posso vos fallar com essa altivez, porque dentro da orbita de minha profissão assim tenho sempre procedido, espero sempre poder proceder, e deixo que o tumultuar das paixões humanas se quebrem a meus pés e não respinguem as gottas de fel da maldade sobre o arminho doutoral, que procuro enobrecer. Não me recuso aos adversários por esse ou aquelle motivo — e quem os não tem nessa vida tão cheia da ambições e contrariedades! — e sinto-me sempre satisfeito commigo mesmo quando cumpro com essa obrigação moral — porque, senhores, esses deveres que competem ao medico e que aqui explano em confabulação amistosa comvosco são todos de ordem moral, porque obrigação nenhuma temos de outra especie. A nada somos obrigados; muito pelo contrario, temos a liberdade maxima e absoluta de dispormos de nossa pessoa como pudermos e como entendermos. Não nos fica, entretanto, bem, uma vez que juramos, ao sahir as portas da Faculdade, nos reger pelos principios de Hypocrates, fugir ás obrigações impostas pela nossa sciencia. E é nisto que consistem os nossos deveres. Deveis, portanto, vós que sois moços, adoptar esse conselho de quem já tem mais experiencia e cabellos brancos bastantes para vos affirmar que nenhuma sensação existe tão grata para o nosso coração e tão violenta e tão suave ao mesmo tempo, como essa de verificar que um inimigo nosso vem confiar-nos uma vida preciosa, a saude de um ente que lhe é caro. E' nesse instante que sentimos as lagrimas de jubilo intimo que nos tornam superiores a todos os homens que se queimam e se torturam nas pelejas incruentas sobre a terra.

Outro dever que tendes para com o vosso cliente é o que affirmais aqui dentro desta Faculdade, nas horas cheias de esperanças em que daqui sahis rumo á existencia profissional — o de nadas verdes, nada sentirdes, nada fallardes. Essa é obrigação a que ficais preso pelos juramentos sagrados que vos são impostos e que infelizmente nem todos seguem á risca e a que muitos são perjuros. Habituai-vos, porém, a olhar o doente só como padecente, não enxergueis as miserias que o cercam, nem o luxo que o rodeia, e ao cabo de certo tempo vereis como é facil seguir-se esta imposição. O medico que entra

em uma casa vê tudo e nada olha — só deve olhar o individuo que padece. Bem sei que nem sempre isso é possível, porque com frequencia são os proprios doentes que chamam a attenção, que gostam de contar historias, ora de sua grandeza actual ou de sua miseria presente, narrando como chegaram a posição em que o vedes; mas o verdadeiro medico nada tem de perquerir e deve tomar tudo isto apenas como informação que lhe possa ser util para a obra de seu diagnostico e mais nada. Guardai-vos de vos manifestar sobre o assumpto, porque logo o individuo verifica ter perdido o tempo e fará de vós o conceito que mereceis com justiça. Não entreis tambem nas lutas de familia, tão communs e tão dolorosas, sem serdes chamados especialmente para esse fim. Procurai concilia-los se puderdes, mas se não fôr possível, deixal-os em paz, porque procurarão outros capazes então de conseguil-o. Essa é que deve ser a norma exacta que tendes de obedecer para que não vos maculeis ao contacto das miserias alheias. Essas obrigações fazem parte do segredo medico, capitulo debatido e em que não quero entrar, mas sobre que desejo deixar patente meu modo pessoal de encaral-o. O segredo tem de ser absoluto ou então não existe. Não deve haver fraccionamento na maneira de proceder. Ou o medico deve respeitá-lo em todas as conjuncturas ou elle deixa de ser o que deve ser. Ha casos, porem, em que o clinico se vê forçado a violal-o, mas ainda assim, e assim fazendo, incide em falta grave. Uma vez de posse do conhecimento de um factó, o conhecimento obtido no exercicio da sua profissão, o medico não tem o direito de divulgá-lo a quem quer que seja, nem mesmo que estejam em jogo pessoas que o interessem de perto. Pensai bem no que vos digo e descei commigo ao fundo do meu pensamento que vós vereis o doloroso do dever que vos compete como medico. Supponde mesmo um caso de honra e de honra de pessoa que vos toca. Se tiverdes tido sciencia delle no trafego de vossa profissão não vos cabe o direito de revelal-o, senão o dever de calar, nem que tenhais para isso de suffocar os vossos mais intimo sentimentos, de enrubecer de vergonha, de soffrerdes, as mais pungentes dores d'alma. E' o que tem de mais horrivel em materia de dever medico, mas a que tendes de sujeitar o vosso espirito, se quizerdes serdes aquillo que com certeza vós todos sois, nós todos somos, isto é, homens de bem. E' a face mais pungente de nosso ministerio, a mais horrorosa de todas aquellas que vos tenho posto á mostra. Se quereis ter noção exacta do que é o dever do medico em taes conjecturas abri essa formosa novella de Paul Bourget — UN CAS DE CONSCIENCE — e vêde a luta de horóe que o medico teve de sustentar para ser digno discipulo de seu mestre. Elle oscilla em salvar uma

familia de macula eterna, que se salvaria com um simples gesto seu; mas entre elle e essa gente, até então para elle extranha, o seu espirito torturado, abatido, excruciado, afflicto, entrevê a figura austera de quem o mandara e não mais hesita: — deixa que se succeda a fatalidade, que vai destruir aquelles a quem a piedade já movera em seu favor.

São paginas de fina psychologia, que aproveitam a vós outros moços, que tendes o coração palpitante das esperanças nobres que vivem em vossa alma. São tranSES que vos não desejo eu, mas em que talvez tendes de cahir no correr dos tempos. Se tiverdes, senhores, algum dia, de violar o segredo, que seja com o intuito de praticar o bem, nunca com o de acobertar o crime. Só assim sereis dignos filhos deste templo augusto — onde se procura cultivar a verdade e onde, no altar da justiça pontifica a clemencia divina — que é o templo de Hypocrates, sagrados e augusto, onde os impios, sem fé no seu poder, tem que deixar á porta as sandalias e entrarem de joelhos. .

Senhores, a profissão medica desdobra-se em outras tantas profissões, em cada uma das quaes existe a obrigação de uns tantos deveres, como esses que acabo de estudar e que se refere apenas áquelles que o clinico têm de obedecer para com o doente, no trato de seu Ministerio. O medico legista, o medico de companhia de seguros, o inspector de hygiene, o demographista, o homem de laboratorio, o radiologista, o medico militar, todos esses têm conducta diversa, mas em que sempre deve predominar o espirito de caridade, o de humanidade, mas em que podem considerar o segredo medico de maneira um pouco differente daquella porque a entendo eu, e, a desejo entendam outros como vós.

Não entro nesses detalhes, porque não fazem parte da alçada desta conferencia e teria muito que explanar para tirar conclusões que vos satisfaçam. Mas, entre os deveres que competem ao clinico ha um sobre que devo algo respigar ainda: é aquelle de que já tivestes prova ha cerca de um anno e meio — o de expor a sua vida quando uma epidemia assola as populações. Ninguem esqueceu ainda — tão recente foi a dolorosa calamidade que pesou sobre nós — os dias lugubres que S. Paulo passou lutando com a pandemia grippal que funestamente nos visitou e que como um tufão maldito nos arrebatou tanta existencia querida. Foram horas de amargura sem conta. Foram momentos de dor acerba sem salvação. Foram instantes crueis, em que o terror dominava mesmo os espiritos mais fortes. Nesses dias, o medico era a taboa de salvação, era o mensageiro do bem, que de casa em casa levava o con-

solo da medicina e o balsamo da fé, o pão do remédio e o labor da esperança. Nessa luta titanica com o mal a vida propria não lhe importava — sacrificava-se pelo dever, jogava a sua existencia para salvar a da humanidade. E quantos não pagaram com a morte, com o desaparecimento subitaneo, esquecidos, mallogrados, em plena pujança vital, na exuberancia da mocidade, o tributo de clinico que sobrepoz a interesse da collectividade, ao seu proprio, ao de sua familia. Quantos não baquearam! Quantos não desceram á terra fria, emmudecidos para sempre, no silencio eterno, arrebatados inopinadamente da vida que lhes sorria, por terem corrido a salvar quem os esqueceu logo após, deixando na miseria pequeninos entes que choram a amargura da desgraça, que seria evitavel se elles não tivessem de honrar o pergaminho que lhes dava o pão! Essas miserias, senhores, não podem ficar olvidadas e os nomes dos que tombaram para sempre acodem-nos aos labios murmurantes de commiseração, como o de condemnados pelo crime de terem honrado a profissão até ao sacrificio da vida e suas almas voam sobre nossa cabeça em prantos de saudade e de martyrio inegalavel. Vós os conheceis; mas aquelles que innocentemente os jogavam no abysmo da morte, talvez nem saibam mais quem elles foram — martyres do dever, heroes que cahiram na refrega, sacrificados a honra, crucificados pela salvação da humanidade.

Eis a nossa retribuição costumeira. Damos todas as nossas energias, empregamos todos os nossos esforços, dispendemos todas nossas forças, cumprimos a nossa obrigação moral e recebemos em paga apenas e unicamente o esquecimento, o olvido o mais completo. Foi como senão tivessemos existido: — passamos a vida espalhando o bem e a recompensa é a ignorancia de nossos actos, de nossas acções. Triste profissão essa nossa, embora tão cheia de nobreza, tão rica de grandeza, tão maravilhosa de beneficios que diffunde! Não vos desanimem essas palavras. Vós já deveis conhecer o mundo bastante, para que ellas vos pareçam extranhas. Já deveis ter contacto com a sciencia desses factos, porque elles fazem parte da vida diaria, entram no acervo dos acontecimentos habituaes. Eis um dos grandes deveres do medico — o de arriscar sua vida para salvar do naufragio toda a população quando ás voltas com um mal inclemente como esse por demais sinistro que nos assolou. Sois então martyres obscuros, porque cessada a campanha vosso nome desaparece da história dos vivos e só viveis na recordação daquelles a quem ficastes fazendo falta. Sois como abnegados que se sacrificam pela victoria de uma partida sacrosanta e que desaparecem, na noite sem aurora, deixando esteira de lagrimas, apenas abençoadas pelos tocados pela mão de Deus,

que lá, ao longe, no firmamento constellado, distribue justiça e gratifica os que perecem pelas causas divinas.

Meus senhores: A medicina vos seduzio e o seu estudo vos trouxe até aqui. Agora tendes que seguir até o fim de vossa aprendizagem, com sobranceira e sem tibieza. Não vos atemorizem os quadros negros que desenhei. Na vida é sempre assim. E senão fôra a existencia do escuro, o claro de nada valeria. No contraste das cousas reside muitas vezes a grandeza dellas. Não ha paisagem que enthusiasme sem a escuridão de trechos que fazem resaltar os mais luminosos. Da união da noite e do dia vós sabeis que é que surge a aurora. Não vos espanteis, portanto, do que de amargurado existe na profissão que abraçastes com o fervor de moços illudidos pela miragem dos triumphos da sciencia medica e da pobreza que ella encerra. Guardae apenas o contentamento de terdes entrado para uma companhia, onde se combate pela grande causa, que é da humanidade. Olhai a flammula que no alto da almatena desse templo fluctua aos quatro ventos, e lêde a inscripção que alli refulge — a caridade. Tomal-a sempre como conducta na vossa existencia futura. Não vos deixeis captivar pela fortuna e preferi sempre, meus amigos, a recompensa celeste que é a maior paga que tereis a receber — a tranquillidade do animo e, só assim, podereis galgar victoriosos a terra de vossos sonhos, galar-doados pelas benções dos humildes, admirados pela voz dos poderosos e sempre adorados pelos que comprehenderem que fostes dignos discipulos do Senhor, porque espalhastes o bem, derramastes a mancheias a cornucopia do consolo, mitigastes as afflicções, curastes as dores.

Estes são os vossos deveres. Observal-os com carinho que assim encontrareis estrada que leva ao capitolio com passos aligeirados pelo caminho sem urzes nem espinhos, atapetados de flores, e a alma cheia de bonança angelica, o espirito transbordante de jubilo sagrado.

